



Texto e gramática: casamento impossível em sala de aula?

Juliana Alves Assis (PUC-MG)
Maria Beatriz Nascimento Decat (UFMG)

RESUMO: A partir da exploração de um texto usado em atividade retirada de material didático, o presente trabalho busca alimentar o debate sobre o tratamento dos aspectos gramaticais no ensino de língua portuguesa. Fundamentada numa abordagem que articula contribuições de diferentes campos de estudo lingüísticos, os quais compartilham uma visão sociointeracionista da linguagem, a análise do texto realizada neste trabalho demonstra a possibilidade de se articularem as dimensões lingüística, textual, sociopragmática e discursiva em práticas de ensino e aprendizagem que tomam o texto como objeto de estudo.

Palavras-chave: Ensino de língua portuguesa; Análise lingüística; Texto.

Introdução

Os debates sobre o papel da disciplina Língua Portuguesa na educação básica e a reflexão sobre seus objetos de ensino vêm, nos últimos anos, sendo alimentados pelas transformações dos estudos da língua e da linguagem bem como daqueles especificamente voltados ao processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.

Nesses debates, com considerável regularidade, emergem diferentes posições sobre o papel dos conhecimentos gramaticais na formação do estudante, que podem ser ilustradas por dois pontos de vista antagônicos: no primeiro deles, os conhecimentos gramaticais são apenas meio, instrumento para as práticas de leitura e produção de textos, e não fins em si mesmos (portanto não deveriam ser o foco das práticas de ensino); para o segundo, os conhecimentos gramaticais devem ser tomados como fins, uma vez que cabe à escola, sim, ensinar a norma culta.

Posicionando-nos sobre esses debates, é preciso deixar claro, primeiramente, que entendemos ser necessário deixar de lado um conceito tradicional de gramática, como um conjunto de regras de cunho prescritivista, para adotar uma definição de gramática que englobe, de fato, as regularidades da língua, construídas em práticas sociais de uso da língua/linguagem. Assim, saber/aprender gramática deve ser aqui entendido como uma atividade de natureza reflexiva não só sobre os recursos lingüísticos de que o produtor lança mão na construção de seu texto, mas, principalmente, sobre como a escolha de tais recursos reflete as condições de produção do texto, incluindo as restrições impostas pelo gênero textual materializado. Em segundo lugar, partimos da convicção de que o aluno/aprendiz deve ser

levado a atentar mais para as regularidades da língua, as semelhanças e as diferenças entre as formas e seus respectivos usos, devendo ser capaz de formular hipóteses sobre as condições de ocorrência dessas formas e desses usos. Dito de outra forma, o estudo/ensino da gramática da língua deve ocorrer com a atenção voltada para a língua em uso, em seu real funcionamento, sobre o qual deve incidir a reflexão. A caracterização da linguagem como atividade de interação verbal faz com que esta, obrigatoriamente, seja descrita (e ensinada) na pragmática de seu uso, de suas regularidades, que vão, portanto, constituir as normas da língua.

Ainda que se admita a existência de outras posições sobre a questão posta, entendemos que a discussão sobre o papel (o “lugar”, o estatuto) dos conhecimentos gramaticais no ensino de Língua Portuguesa parece estar condicionada aos dois pólos há pouco descritos, os quais se configuram, de certa forma, como resposta a um movimento de mudança de paradigma a que vimos assistindo nos processos de formação inicial e atuação dos professores de Língua Portuguesa na educação básica. A um só tempo, esse novo paradigma é tanto efeito dos avanços dos estudos lingüísticos das últimas décadas quanto motivação para a definição de novas agendas de investigação na área.

Sem pretender reduzir ou minimizar a complexidade (e mesmo as diferenças) das abordagens e campos teóricos envolvidos nesse processo de discussões e mudanças, podemos afirmar que uma das evidências mais fortes da alteração de paradigma reside exatamente no que se passa a assumir como objeto de ensino de Língua Portuguesa, e que, por isso mesmo, define também a assunção de novos objetos de trabalho.

Nesse novo cenário, o texto passa a ser visto como realidade que se efetiva como tal através de um trabalho conjunto de construção de sentidos, no qual se envolvem produtor e receptor. Sob essa lógica, o trabalho com o texto em sala de aula deve operar com as múltiplas dimensões nele implicadas: a **lingüística** (relativa aos recursos lingüísticos em uso); a **textual** (referente à configuração do texto, no que toca ao gênero e aos tipos textuais); a **sociopragmática e discursiva** (respeitante aos interlocutores, seus papéis sociais, motivações e outros fatores que definem o contexto de produção, circulação e recepção do texto); a **referencial** (relativa aos conhecimentos e conceitos envolvidos no processamento do texto)¹. Em termos da operacionalização dos princípios que sustentam esse paradigma, muitas são a sinalizações de que ainda persistem dificuldades na superação do modelo de ensino ancorado na tradição gramatical. Isso se denuncia, por exemplo, pelo tratamento dispensado aos aspectos lingüísticos por manuais didáticos de Língua Portuguesa, em muitos dos quais ainda se mantém evidente desarticulação entre a abordagem de conhecimentos gramaticais e o processo de produção, circulação e compreensão de textos².

Assumindo, portanto, que ainda se impõem desafios às práticas de ensino e de aprendizagem da língua voltadas à formação do leitor e produtor de textos, interessa-nos, neste artigo, discutir caminhos e possibilidades de tratamento da dimensão lingüístico-gramatical³ no trabalho com o texto em sala de aula, por meio do qual se procure articular as dimensões anteriormente citadas.

¹ Essa descrição das dimensões a partir das quais emerge o texto encontra-se detalhada em documentos produzidos pelo Ministério da Educação, dentre os quais destacamos as orientações curriculares para o ensino médio (BRASIL. Ministério da Educação. *Orientações curriculares para o ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. v. 1, 239 p.)

² Sobre isso, citem-se, por exemplo, os trabalhos de Bräkling (2003) e Mendonça (2006).

³ Defendemos que a expressão “lingüístico-gramatical”, que aparece neste trabalho, mostra-se pertinente ao ponto de vista por nós assumido, uma vez que assinala a existência de outros aspectos da ordem do lingüístico, que não os tradicionalmente chamados de gramaticais.

1. Orientações, caminhos e descaminhos na abordagem de aspectos linguístico-gramaticais

Para a empreitada anunciada, acreditamos que muitas são as contribuições oferecidas por trabalhos orientados por abordagens funcionalistas e por domínios interdisciplinares da Linguística, particularmente o da Linguística Textual e o da Análise do Discurso. Por meio deles, pode-se construir um fecundo diálogo entre aspectos gramaticais e discursivos. Destacamos, aqui, as discussões empreendidas por Neves (2004) e Koch (2004) no tocante à relação do funcionalismo com o processamento textual. Para Neves (*op. cit.*), uma gramática, para ser funcionalista, tem de incluir, na análise dos enunciados linguísticos, as unidades do fluxo de informação. Em outras palavras, a gramática deve incorporar a esses enunciados, ou “elementos formulativos”, as unidades temáticas, buscando dar conta de como a linguagem é usada. Esses usos é que irão dar forma ao sistema. Em sua argumentação, Neves recorre a Halliday (1985, p. XXII *apud* Neves 2004, p.17), segundo o qual “a principal razão para estudar o sistema é lançar luz sobre o discurso – naquilo que as pessoas dizem e escrevem, ouvem e lêem.”

Em discussões anteriores, Neves (2002, p.175) mostrou que o que se faz nas propostas funcionalistas “é falar de gramática falando de funcionamento e de funções, é configurar a gramática olhando para além da expressão linguística.” Baseada nesses pressupostos, Neves (2004) postula uma interface entre a Linguística do Texto/Linguística Textual e o Funcionalismo Linguístico, assumindo que as noções teóricas daquela (a “Linguística Textual-interativa”) estão contidas nas propostas teóricas deste. Na outra ponta desse diálogo, Koch (2004) admite que, em sentido amplo (ou seja, pensando em termos da oposição formalismo *versus* funcionalismo), “não há como duvidar de que a postura da L.T. só poderia ser funcionalista [...], já que seu objetivo é o estudo do texto-em-funções”. Entretanto, Koch advoga por um suporte teórico-analítico próprio da Linguística Textual, uma vez que esta tem como objeto central de estudo “o texto enquanto processo, enquanto atividade sociocognitivo-interacional de construção de sentidos” (KOCH, 2004, p. 1). Assim, numa concepção interacional (dialógica) da língua, o contexto deixa de ser visto como co-texto, nas análises consideradas transfrásticas, para passar a abranger não só a situação comunicativa, mas também o entorno sócio-histórico-cultural, construindo-se, assim, na própria interação. Essa visão é decorrência da introdução da pragmática como interdependente em relação à sintaxe e à semântica.

Podemos dizer que esses dois posicionamentos, embora divergentes em vários aspectos, dialogam entre si, na medida em que ambos vêm a descrição da linguagem como um requisito pragmático da interação verbal. Sob essa lógica, ressaltamos a necessidade de que as análises linguísticas se façam, primeiramente, numa dimensão textual-interativa, e considerem as categorias de nível inferior de análise como também interpretáveis nesse nível discursivo. Isso equivale, no nosso entender, a admitir que as considerações de ordem linguístico-gramaticais irão refletir as pistas que indicam regularidades do sistema e que têm, no texto, o seu lugar de identificação. Para tanto, precisamos buscar contribuições em trabalhos que ultrapassem a descrição frástica, **não importando a teoria em que essas contribuições estejam embasadas.**

Apenas para ilustrar, nessa condição se encontram discussões que, no campo dos estudos sobre as relações interacionais, ampliam consideravelmente as possibilidades de tratamento dos processos de combinação e integração entre orações nos textos, tendo em vista a dimensão semântico-pragmática e discursivo-textual (cf. CAMACHO, 2001; DECAT, 1995, 1999, 2001; DIAS, 2001; HIRATA-VALE, 2001; LOPES, 2007; MARINHO, 2005; MONNERAT, 2001, bem como inúmeros estudos de NEVES – 2000a, 2000b e 2001, por exemplo – sobre articulação de orações e sobre a teoria funcionalista). Relativamente ao

exame das atividades e estratégias de processamento textual, também temos um vasto conjunto de trabalhos que, orientados por princípios sociointeracionistas, fornecem significativas contribuições para o exame dos recursos lingüísticos envolvidos, por exemplo, na construção e progressão referencial, bem como na progressão textual (cf. ASSIS, 2005; KOCH *ET AL.*, 2005; KOCH, 2002; JUBRAN, 2005; MARCUSCHI, 2005).

Merecem destaque, ainda, estudos que, operando com o pressuposto de que pela linguagem se pode depreender o funcionamento da ideologia, examinam a materialidade lingüística com lentes de teorias do discurso, que permitem flagrar o que é imperceptível à lingüística fundamentada em bases estruturalistas (cf. MATENCIO & SILVA, 2005).

Ainda no que toca à preocupação vigente de levar o aprendiz da língua a deslocar sua atenção para a língua em uso, tendo clareza quanto à variedade desses usos, encontram-se discussões em torno da categoria *gêneros textuais/gêneros do discurso* (cf., por exemplo, DIONISIO *ET AL.*, 2002; SCHNEUWLY *ET AL.*, 2004). Tais discussões são variadas e recentes, em diferentes campos da Lingüística e em documentos que parametrizam o ensino de Língua Portuguesa.

Neste trabalho, partimos do princípio de que uma reflexão sobre aspectos gramaticais e textual-discursivos deve fundamentar-se no fato de que o que mais importa é a função sociocomunicativa do gênero, e não exclusivamente sua forma. Nesse caso, entendemos que há uma estreita e interdependente relação entre formas lingüísticas, seus usos e funções, de tal sorte que é legítimo assumir que as formas nos/dos gêneros são, sobretudo, efeito das práticas sociais de uso da língua em que estes se constituem.

Para mostrar a correlação existente entre os fatos lingüísticos (gramaticais) e os aspectos textual-pragmáticos e discursivos a partir dos quais se realiza determinada atividade verbal, tomamos como objeto de análise o texto *Notícias de Joana*, transcrito a seguir.

Notícias de Joana⁴

CORREIO DO POVO – 27/09/73

Maria Joana Knijnick, solteira, procura pessoa do sexo oposto para fim de casamento. O interessado deve ser pessoa sensível, que goste de ouvir música, seja alegre, que goste de passear domingo de manhã, que goste de pescar, que goste de passear na relva úmida da manhã, que seja carinhoso, que sussurre aos meus ouvidos que me ama, que tenha bom humor, mas que também saiba chorar. Que saiba escutar o canto dos pássaros, que não se importe de dormir ao relento numa noite de lua, que saiba caminhar nas estrelas, que goste de tomar banho de chuva, que sonhe acordado e que goste muito do azul do céu. Prefere-se pessoa que saiba escutar os segredos de um riacho e que não ligue aos marulhos do mar; que goste de bife com arroz e feijão, mas que prefira peru com maçã, dá-se preferência a pessoas de pés quentes, que gostem de andar de barco, que gostem de amar e que não puxem as cobertas de noite. Não se exige que seja rico, de boa aparência, que entenda Kafka ou saiba consertar eletrodomésticos mas exige-se principalmente que goste de oferecer flores de vez em quando.

End.: Rua da Esperança, 43

CORREIO DO POVO – 02/10/73

Maria Joana Knijnick, solteira, procura pessoa do sexo oposto para fim de casamento. O interessado deverá ser pessoa sensível e que tenha o hábito de oferecer flores.

End.: Rua da Esperança, 43

CORREIO DO POVO – 10/10/73

⁴ LOPES, Artur Oscar. In: REIS, Luzia de Maria R. *O que é conto*. São Paulo: Brasiliense. 1987.

Maria Joana Knijnick procura pessoa que a ame e goste de oferecer flores de vez em quando.
End.: Rua da Esperança, 43

CORREIO DO POVO – 20/10/73

Maria Joana Knijnick pede que qualquer pessoa goste dela e suplica que lhe mande flores.

CORREIO DO POVO – 14/11/73

A família da sempre lembrada Maria Joana Knijnick comunica o trágico desaparecimento daquele ente querido e convida os amigos para o ato de sepultamento. Pede-se não enviar flores.

Antes de iniciarmos o trabalho de reflexão sobre o texto, tendo em vista os objetivos assumidos, cumpre-nos discorrer sobre um conjunto de atividades didáticas voltadas a esse mesmo texto e destinadas à 6ª série do ensino fundamental, as quais foram retiradas de *site*⁵ de instituição de ensino fundamental. Tais atividades ilustram, como se poderá ver, o divórcio ainda presente entre o lingüístico e o textual-discursivo nas abordagens didáticas dos textos. De um conjunto de 10 atividades, selecionamos aquelas que melhor representam a proposta do exercício.

Compreensão do texto

Questão 1

O texto lido tem características de um certo tipo de anúncio encontrado em alguns jornais e revistas.

- Qual é o nome do jornal em que o anúncio foi publicado?
- Qual é o primeiro nome da mulher que o enviou ao jornal?

[...]

Questão 2

Responda às questões que se seguem.

- Com que finalidade a pessoa escreveu esse anúncio?
- Quanto ao estado civil, a pessoa pode ser casada, solteira, viúva ou desquitada. Qual é o estado civil da mulher que enviou o anúncio para ser publicado?
- A principal exigência que a pessoa fez em relação à pessoa que ela procura aparece no final do texto. Que exigência é essa?[...]

Gramática

Questão 6

Leia os trechos abaixo e escreva a função sintática dos termos solicitados:

- O interessado escutava o canto dos pássaros.

- o interessado:
- interessado:
- escutava o canto dos pássaros:
- escutava:
- o canto:

Questão 7

Classifique o sujeito das orações abaixo:

- Eles queriam se encontrar.
- Colocaram um anúncio no jornal.
- Escutamos o canto dos pássaros todos os dias.

⁵ http://www.cursoicone.com.br/documentos/provas/ensino_fundamental/ef6/port_ef6_3b.pdf.
Acesso em: 15 ago. 2006.

- d) Havia um anúncio no jornal.
- e) Encontraram-se no parque Maria Joana e seu pretendente.
- f) Leste a notícia no jornal?

Questão 9

Leia o período abaixo e responda aos itens propostos.

Eles eram felizes: cantavam, dançavam, gostavam de animais, tinham vários pássaros e estavam sempre alegres.

- a) Quantas orações há na frase?
- b) Escreva os verbos e classifique-os quanto à transitividade.
- c) Escreva o sujeito e classifique-o.
- d) Retire do trecho duas orações que contenham predicado nominal. [...]

Um comentário inicial e mais geral sobre as questões trazidas é que, tanto no que se refere à compreensão do texto quanto no que se relaciona aos aspectos gramaticais, o texto *Notícias de Joana*, além de ter sido usado como co-texto, também o foi como pretexto para a elaboração das questões, resultando num ‘estudo’ superficial e pouco produtivo face aos objetivos previstos para o ensino da língua materna na educação básica.

Vejam algumas observações específicas sobre as questões de compreensão do texto. Na questão 1, por exemplo, as perguntas que focalizam o nome do jornal e da pessoa que enviou o anúncio se mantiveram exclusivamente no nível de identificação de elementos inscritos no texto, praticamente apenas exigindo atividade mecânica de transcrição de determinada seqüência textual. Nessa questão e nas que a seguem⁶, não houve qualquer preocupação em relacionar esses elementos aos papéis que assumem no conto, os quais atuam, inclusive, como importantes pistas de contextualização do texto.

Na questão 2, as perguntas também se constroem com lógica semelhante àquela que se flagra na questão anterior, incorrendo, ainda, em sérios equívocos: por exemplo, criam uma equivalência entre o texto lido – o conto – e os anúncios, os quais, aliás, são tomados como um único anúncio; além disso, operam com o pressuposto de que tenha sido a mulher que enviou, ela mesma, esse anúncio ao jornal (o que, nessa lógica, incluiria, absurdamente, até o anúncio fúnebre!).

Observações podem ser feitas igualmente a respeito das questões gramaticais propostas. Nelas também o texto é usado como pretexto. Prova disso é que, em todas as questões, foram inseridas estruturas que não pertenciam ao texto, mas que apresentavam configurações semelhantes a alguma estrutura do mesmo, ou cujo conteúdo se aproximasse daquele nele veiculado. Fique claro, portanto, que, sob o ponto de vista a que nos filiamos, **as atividades de análise lingüística a serem desenvolvidas não deveriam perder de vista o texto, consideradas as condições de produção, recepção e circulação em que este se constitui.**

Feito esse esclarecimento, passamos a comentar as demais questões, apenas com o objetivo de pôr à mostra fragilidades teórico-conceituais e/ou metodológicas nelas contidas, inclusive no manejo da abordagem gramatical tradicional. Na questão 6, prevalece a preocupação com a função sintática de certos elementos; em quatro das opções, o teste focaliza o termo sintático em sua totalidade ou quanto a seu núcleo. Curiosamente, a última opção refere-se a um trecho que não constitui um sintagma, ele próprio, na sentença em questão, portanto não tem função sintática (*o canto*).

Certamente, tendo em vista o trabalho de interpretação do texto, mais interessante que saber que o constituinte é sujeito da oração é saber, por exemplo, qual o seu referente, ou seja, sobre quem recai a informação veiculada por essa forma. A questão 7, ao solicitar a classificação do sujeito de algumas orações (não presentes no texto), parece ter um objetivo

⁶ Essa condição também se aplica às questões do exercício não trazidas a este texto (3, 4, 5 e 8).

simplesmente formal, não levando em conta o contexto pragmático-discursivo. Assim, por exemplo, como o aluno vai saber, na opção b, se se trata de um ‘sujeito elíptico’ ou de uma estrutura com indeterminação do sujeito, uma vez que a forma verbal na 3ª pessoa do plural permite tal análise? Inserida num contexto, a estrutura dada em b poderia até mesmo ser tomada como tendo também um sujeito elíptico! A opção e testa conhecimentos sobre a colocação de sujeito e a pessoa verbal. Entretanto, não se apresentou nenhuma ocorrência com passiva sintética para ser comparada com a opção e, de sujeito posposto, uma vez que são estruturas de análise dupla em diversos tratamentos modernos.

Finalmente, a questão 9 apresenta perguntas de cunho gramatical variado, misturando identificação de orações com classificação de verbos e de predicados. A opção a, por exemplo, pode confundir um aluno que tenha uma competência discursiva diferenciada de outros e que perceba que a seqüência de orações aditivas constitui um desdobramento do predicado da oração ‘matriz’ (*eles eram felizes*), uma vez que estão contidas na noção de felicidade veiculada através do item lexical *felizes*. Não foi explorada, nessa estrutura, a idéia de continuidade num passado, o que daria vez a uma exploração do uso dos tempos verbais. Na opção b, melhor teria sido solicitar uma explicação sobre a transitividade dos verbos, em vez de simplesmente prover uma classificação. Nesse caso, poder-se-ia, por exemplo, trabalhar com a estrutura argumental preferida, com as noções relacionadas a dado/novo para a diferenciação dos argumentos do verbo, ou qualquer coisa semelhante. Igualmente problemática é a opção c, que carrega uma ambigüidade com relação a qual oração a pergunta se refere.⁷

Evidentemente, vários outros problemas poderiam ser levantados com relação às questões exemplificadas. Nosso objetivo, como assinalado, foi somente o de exemplificar o ainda presente tratamento tradicional dado à ‘análise do texto’, descomprometido tanto com as práticas sociais de uso da linguagem quanto com os atuais objetivos para o ensino da língua na educação básica.

2. Aspectos lingüístico-gramaticais na produção de sentido

Uma vez assumido o compromisso (e o desafio) de demonstrar caminhos de abordagem da dimensão lingüístico-gramatical na análise de textos, articulada às demais dimensões implicadas na emergência e funcionamento de qualquer texto – a textual, a sociopragmática e discursiva e a referencial –, passamos, a seguir, a focalizar aspectos lingüístico-gramaticais significativos para o processo de produção de sentido do texto *Notícias de Joana*.

Ao contrário das atividades exemplificadas na seção anterior, partimos do princípio de que a materialidade lingüística deve ser estudada, nos textos, tendo em vista as orientações de sentido que elas carregam. Afinal, o que fazemos, quando produzimos sentido em práticas de leitura, sempre é orientado pela materialidade lingüística e os conhecimentos (textuais, sociopragmáticos, discursivos e referenciais) que ela nos leva a acessar/mobilizar. Isso não significa, é óbvio, que estejamos desconsiderando que fatores outros, relativos à exterioridade do enunciado – no qual este se constitui –, atuem de forma a definir o modo como essa materialidade é percebida, enquadrada pelo leitor.

À luz desse ponto de vista, intencionamos discorrer sobre diferentes aspectos lingüístico-gramaticais do texto *Notícias de Joana*, os quais poderiam ser foco de análise em situações de sala de aula. Pretendemos, portanto, por meio da ação proposta, sugerir modos de

⁷ Há tratamentos que vêm, na estrutura dada, uma oração complexa, com várias orações apositivas encaixadas; outras análises vão simplesmente apresentar a estrutura como uma série de orações independentes.

abordagem do texto que levem o aluno a refletir sobre a relação entre a dimensão lingüística e os demais fatores e dimensões implicados no processo de produção de sentido.

Para o propósito assumido, defendemos como significativas as contribuições do Funcionalismo e da Lingüística Textual, campos de estudo para os quais sintaxe, semântica e pragmática são dimensões interdependentes. Isso significa tomar, também de modo inter-relacionado, os usos lingüísticos e as condições de produção, circulação e recepção dos textos em que tais usos se manifestam (cf. MARCUSCHI & SALOMÃO, 2004).

Logo de início, um dos aspectos que chama a atenção na composição do texto *Notícias de Joana* – um conto – diz respeito justamente ao modo como sua estrutura se constrói com base na organização do anúncio, gênero textual que se encontra diretamente implicado na temática e na própria trama do texto.

Temos aí, portanto, um caso de gênero **conto**, do **domínio ficcional**, o qual recorre a estratégias e recursos de composição comuns ao gênero **anúncio** (em suas variadas formas). Frise-se, no entanto, que o texto não cumpre a função sociocomunicativa própria do gênero **anúncio**, isto é, não funciona como um anúncio; seu funcionamento, ao contrário, é regulado por restrições que emergem nas práticas em que os gêneros do domínio ficcional/literário se constituem e se consolidam. A esse respeito, lembramos Marcuschi (2002, p. 29), quando assinala que dominar um gênero não é dominar uma forma lingüística, “e sim uma forma de realizar linguisticamente objetos específicos em situações sociais particulares”.

O conto sob análise se divide, seguindo uma orientação cronológica, conforme indicam as datas, em cinco partes, correspondendo cada uma delas a um ‘anúncio’. As quatro primeiras partes – compostas de ‘anúncios’ de cunho sentimental, amoroso – recorrem à estrutura composicional de anúncios normalmente publicados em cadernos de classificados (ou pequenos anúncios) de jornal. Na última delas, por sua vez, materializa-se a configuração de anúncio fúnebre.

Assim, por meio dos ‘anúncios’ de que se compõe o texto *Notícias de Joana*, dá-se a conhecer ao leitor a história de Joana, ocorrida num período de aproximadamente dois meses (de 27/09/73 a 14/11/73), bem como traços de sua personalidade.

Pode-se dizer que tais ‘anúncios’, datados de momentos diferentes, oferecem pistas sobre o desenrolar dos fatos que antecedem e se seguem à publicação de cada um deles, criando, assim, no texto, um efeito *narrativo*. Noutros termos, por meio dos ‘anúncios’ é *narrada* a história de Joana, ainda que essa narração não se organize canonicamente, segundo a tipologia narrativa.

O reconhecimento dessa organização leva também o leitor a ativar conhecimentos sobre a estrutura mais recorrente dos enunciados em anúncios. Sobre isso, considere-se que, como, nos anúncios, o foco recai, de modo geral, sobre o que se anuncia (e não sobre quem anuncia), temos, como forma produtiva nesses gêneros, o uso da passiva sintética, como ilustram os seguintes trechos de anúncios retirados de jornal: *aluga-se sala; vende-se carro novo*.

Cabe notar que, mesmo sendo adotada a forma ativa em anúncios (*vendo carro em bom estado, única dona; jovem senhora procura moça ou senhora para dividir apartamento*), a informação trazida pelo sujeito gramatical (expresso ou não) recai, de algum modo, sobre aquilo que se anuncia. Em outras palavras, nesses casos, o “agente” do verbo em que se indica a natureza da ação do anúncio (*vender, alugar, procurar, comprar*, etc.) contém dados que, de algum modo, informam sobre a qualidade, a credibilidade ou a natureza do que se anuncia.

À luz dessas considerações, tomemos a primeira parte do texto, exatamente aquela que corresponde ao primeiro ‘anúncio’. Nele, como nos outros três que o seguem, a personagem central do conto – Joana –, pessoa implicada no ‘anúncio’, não se coloca diretamente na 1ª pessoa, indicando o seu envolvimento. Ao contrário, constrói-se no texto como um enunciadador na 3ª pessoa, o qual tematiza/informa sobre as pretensões da personagem.

Entretanto, diferentemente do que ocorre nos demais ‘anúncios’ citados, bem como no último ‘anúncio’ do conto, em que se mantém o enunciador em 3ª pessoa, manifestam-se, nesse primeiro ‘anúncio’, diferentes marcas que denunciam os ‘andaimes’ da sua construção. Por meio desses ‘andaimes’ dá-se aí a conhecer que Joana – personagem central do conto – é, na verdade, aquela que escreve, embora se projete, na maior parte das vezes, como um terceiro que sobre ela fala.

Uma das marcas lingüístico-gramaticais que indiciam essa alteração no posicionamento enunciativo no primeiro ‘anúncio’ é a mudança de pessoa verbal. Assim, inicia-se na 3ª pessoa determinada – *Maria Joana [...] procura pessoa [...]; O interessado deve ser [...] goste de ouvir música [...] seja alegre [...] seja carinhoso [...] saiba escutar [...] não se importe [...] sonhe*) – e termina com a 3ª pessoa impessoal, adotada a partir da metade do ‘anúncio’ – *Prefere-se [...] Não se exige [...] mas exige-se [...]*. Nessa passagem de pessoa do discurso, manifesta-se, de maneira curiosa, a presença ‘sorradeira’ de Joana, configurada de forma explícita como enunciativa no trecho *que sussurre aos meus ouvidos que me ama*, especificamente através dos pronomes de 1ª pessoa usados – o possessivo *meus* e o pessoal oblíquo *me*.

Tomada apenas sob o ponto de vista da norma gramatical prescritiva vigente, tal ocorrência poderia ser tomada como ‘erro’, cochilo de revisão, uma vez que rompe com a pessoa do discurso que vinha sendo utilizada no texto, a 3ª. Entretanto, tal ocorrência não pode ser tomada como aleatória ou equivocada, uma vez que, por meio dela, evidencia-se, sobretudo, o grau de envolvimento do enunciador construído com o fato enunciado. Dito de outro modo, as marcas de 1ª pessoa se mostram exatamente na menção à ação de natureza íntima, a qual requer, inclusive, considerada a própria descrição semântica do verbo *sussurrar*, proximidade física entre pessoas, razão pela qual se pode falar também que essa ocorrência manifesta iconicidade.

Ainda com respeito ao primeiro ‘anúncio’, também se flagra a iconicidade na extensa série de orações adjetivas articuladas pelo princípio da adição: *que goste de ouvir música, seja alegre, que goste de passear domingo de manhã, que goste de pescar, que goste de passear na relva úmida da manhã, que seja carinhoso, que sussurre aos meus ouvidos que me ama, que tenha bom humor, mas que também saiba chorar. Que saiba escutar o canto dos pássaros [...]*.

Essa iconicidade existe na relação direta que se pode perceber entre a quantidade de orações (e, conseqüentemente, das características que a pessoa procurada deve possuir) e o grau de exigência e de idealização que define a personagem Joana. Dessa forma, a organização aludida, sobretudo se cotejada com a configuração dos demais ‘anúncios’ do conto (que vão se encurtando à medida que o tempo evolui), informa não só sobre o que se procura, mas, fundamentalmente, sobre quem procura – Joana

Relacionadas aos aspectos até então destacados, estão as noções de *envolvimento* e *distanciamento* – trabalhadas, dentre outros, por Chafe⁸ (1982) e Tannen (1989) – bem como a oscilação desses mecanismos/estratégias ao longo dos ‘anúncios’. Tais noções são ‘chaves’ teórico-metodológicas adequadas para se descreverem diferentes níveis e formatos de

⁸ Chafe (1982), ao descrever estratégias de envolvimento, aponta para o uso de pronomes de 1ª pessoa como uma manifestação de envolvimento do enunciador consigo mesmo, ao que ele chama de ‘ego-envolvimento’. Aponta, ainda, o envolvimento do enunciador com o seu interlocutor/enunciatário, através do uso da 2ª pessoa, e o envolvimento com o assunto, através do uso de advérbios, adjetivos, expressões modalizadoras, dentre outros elementos, o que, nos termos de Labov & Waletzky (1967), constitui a avaliação. Caixeta (2005, p. 104), ao estudar a interjeição no português brasileiro, acrescenta outro tipo de envolvimento aos elencados por Chafe (1982). Trata-se do envolvimento do enunciador com a situação de produção. Aí se pode falar também no caráter expressivo de certos elementos ou estruturas lingüísticas. Disso decorre que o envolvimento com a situação de construção do texto proporciona a produção de um texto mais eficaz, em termos comunicativos.

inserção de pontos de vista em um texto. Na perspectiva de Labov & Waletzky (1967), trata-se de mecanismos de “avaliação” que podem espalhar-se por toda a estrutura de um texto (em especial o texto com tipologia narrativa), constituindo o que eles chamam de “ondas de avaliação”, a partir das quais se percebem os movimentos de incursão do enunciador no conteúdo informacional do texto. Para Tannen (1989), o envolvimento reflete a afetividade na linguagem.

A estratégia de *distanciamento*, segundo a ótica de Chafe (*op. cit.*), consiste no uso de certos mecanismos lingüísticos que revelam, de alguma forma, o não envolvimento direto com a ação, através, por exemplo, do uso da voz passiva e de nominalizações.

Se se considerar que, em sua essência, essas noções se aplicam às formas de emergência e posicionamento do enunciador no texto, então é possível afirmar que elas possuem relativa equivalência com outras tais como *modalização*, *subjetivação* e *avaliação*, cunhadas em diferentes quadros teóricos.

Os elementos lingüísticos que materializam o envolvimento ou o distanciamento são, pois, “pistas” que vão direcionar o leitor para os objetivos do texto.

As estratégias de envolvimento/distanciamento vão permitir que se perceba a interatividade do texto. Por exemplo, a produção do conto organizada a partir da estrutura de anúncios leva a que a própria forma de anúncio se mostre como um recurso de envolvimento, visando à interatividade. No caso do ‘anúncio’ que abre o conto, a mudança de perspectiva enunciativa marca de modo mais flagrante o primeiro momento dessa oscilação, que se constrói a partir de recursos lingüístico-gramaticais que denotam maior ou menor grau de envolvimento (afetividade) do enunciador com o que está sendo veiculado. Isso vem como efeito, conforme discutimos anteriormente, de um jogo “de esconde e revela”, por meio do qual é instanciado um enunciador que fala de um terceiro – Maria Joana –, a qual, em dado momento, lança-se/mostra-se como enunciativa.

No que toca às marcas de distanciamento no texto, considerem-se, por exemplo, tanto o uso da passiva sintética – [...] *dá-se preferência* [...]; *Não se exige que seja rico* [...]; *Pede-se não enviar flores* – quanto a construção em terceira pessoa, em situação de discurso reportado – *Maria Joana Knijnick, solteira, procura* [...]; *Maria Joana Knijnick pede* [...]; *A família da sempre lembrada Maria Joana Knijnick comunica* [...].

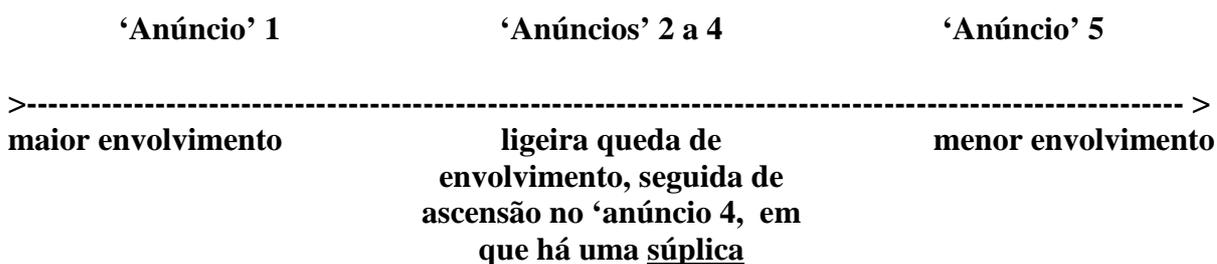
Nos segundo e terceiro ‘anúncios’ do conto temos uma expressiva redução de material lingüístico (comparativamente ao primeiro ‘anúncio’). Neles se observa o distanciamento, que é típico desse gênero, refletido não só pela objetividade com que as informações são trazidas (não havendo mais aquela listagem de exigências e restrições quanto à pessoa que é procurada) como também pela manutenção da 3ª pessoa.

O quarto ‘anúncio’, como os demais, guarda semelhança com anúncio da seção de classificados de jornais. Note-se, porém, que nele se dá uma retomada de envolvimento; melhor dizendo, nele se colocam de forma mais nítida marcas de envolvimento, traduzidas, nesse caso, como inserções do ponto de vista da personagem Joana. Dentre tais marcas, cite-se, por exemplo, o uso da forma verbal *pede*, cuja natureza semântica evoca um sujeito (gramatical) para o qual a necessidade em foco no texto se mostra muito mais imprescindível do que no primeiro ‘anúncio’. Esse envolvimento chega a um grau ainda mais forte com a inserção do verbo *suplicar*, o qual, de fato, parece ser um recurso absolutamente estranho à composição estilística de anúncios.

Finalmente, o quinto ‘anúncio’ – no qual se traz o desfecho da história – constrói-se à semelhança de um anúncio fúnebre. Nele se mostram marcas de distanciamento, quer pelo uso de 3ª pessoa e de formas verbais tipificadoras do gênero em foco – *comunica, convida* –,

quer pela não determinação de um agente para o verbo *pedir* (*Pede-se não enviar flores*⁹). O distanciamento evidencia-se, também, através do uso do dêitico *daquele* (*daquele ente querido*).

Cabe observar, ainda, que, do primeiro ao quarto ‘anúncio’, a oração inicial tem *Maria Joana* como **sujeito**. Já no último ‘anúncio’, por força da estrutura composicional do anúncio fúnebre – decorrente, obviamente, das condições de produção, circulação e recepção desse gênero –, esse sintagma não atua mais como sujeito. A explicação, aqui, portanto, resulta de restrições estruturais, por sua vez tributárias de restrições pragmático-discursivas. Considerando o que evidenciam os cinco ‘anúncios’ de que se compõe o conto *Notícias de Joana*, propomos a seguinte escala de envolvimento/distanciamento:



Frise-se que a escala proposta não pretende insinuar que índices de *envolvimento* e de *distanciamento* sejam mutuamente excludentes. Ao contrário, temos, no conto, como procuramos demonstrar, oscilações contínuas entre distanciamento e envolvimento. Assim, rompendo com o efeito de distanciamento típico do gênero anúncio – em suas várias formas de manifestação na nossa cultura – flagram-se, no texto, vários indícios da presença do ponto de vista da personagem central – *Joana* –, a maior parte deles relacionados aos sentimentos de desesperança e decepção e à condição de carência da personagem, que se desenham, paulatinamente, ao longo dos ‘anúncios’. Isso se manifesta, por exemplo, tanto na diminuição da extensão dos anúncios quanto nas muitas alterações neles presentes, conforme se ilustrou em nossa discussão.

Tendo em vista os propósitos assumidos para este trabalho, cabe mencionar, por fim, que muitos outros aspectos do texto poderiam ser tomados para reflexão em sala de aula, alguns deles em estreita articulação ou em continuidade com os tópicos que elegemos. A título de exemplo, indicamos: a heterogeneidade tipológica¹⁰ na composição do texto; os elementos anafóricos, seus tipos e suas funções; o uso das pessoas verbais e de seus contextos de ocorrência; a articulação de orações e o valor semântico dos conectores oracionais.

⁹ Estamos considerando que a seqüência “pede-se” pode ser vista tanto como forma indeterminada de sujeito (pelo menos de acordo com uma das análises correntes para esse tipo de estrutura) quanto como construção na voz passiva sintética.

¹⁰ No primeiro ‘anúncio’ manifesta-se, de forma rica, essa heterogeneidade tipológica. De uma descrição (até “*azul do céu*”, no meio do texto), em que se observa a ocorrência de grande número de orações relativas para detalhar ou especificar o tipo de pessoa desejada, passa-se, na segunda metade do texto (a partir de “*Percebe-se*”), a um processo de argumentação, através da ocorrência de seqüências avaliativas, veiculando a proposição relacional (retórica) de tese-antítese (cf. MANN & THOMPSON, 1983) e materializadas por orações adversativas, como em “*que goste de bife com arroz e feijão mas que prefira peru com maçã*”; “*não se exige que seja rico [...] mas exige-se principalmente [...]*”; ou materializadas, ainda, por oração iniciada com o conetivo *e*, sem valor aditivo, mas estabelecendo um contraste, como em “*que gostem de amar e que não puxem as cobertas de noite*” – ‘mas não puxem as cobertas de noite’.

Considerações finais

As discussões aqui empreendidas tiveram como principal objetivo mostrar que é possível fazer-se uma análise dos recursos lingüístico-gramaticais, de caráter reflexivo, partindo das estruturas materializadas no texto, que são efeito de um conjunto de fatores que constituem sua exterioridade (social, histórica). Procuramos evidenciar que a atenção do ensino da língua materna não deve se fixar na elaboração de atividades orientadas por uma concepção de gramática/língua desencarnada do discurso e das diferentes práticas sociais nas quais os sujeitos se envolvem em seu cotidiano, mas, sim, voltar-se para um estudo que tenha no texto (aí consideradas as suas condições de funcionamento, sempre reguladas por fatores de ordem externa) o lugar não só para essa reflexão como também para a identificação das pistas que irão fundamentar a análise reflexiva. Isso porque acreditamos que tais pistas indicam as regularidades e os movimentos da língua, e vão servir para a caracterização do sistema lingüístico. Assim, levar em conta a dimensão textual-interativa proporcionará ao aluno um melhor entendimento do comportamento das formas no nível discursivo, entendendo as variações presentes na língua. Isso irá permitir uma discussão não puramente prescritiva, mas baseada nas regras efetivamente em uso na língua, e cujo domínio irá propiciar ao aprendiz o refinamento/desenvolvimento de sua competência discursiva para produzir e entender textos, sendo capaz, ainda, de discorrer sobre a própria linguagem e seus recursos expressivos, numa atividade de metalinguagem centrada não no produto, mas no processo.

ABSTRACT: Based on the exploration of a text used in an activity that was taken from teaching materials, this work intends to enhance the debate about the treatment of the grammatical aspects in the teaching of Portuguese Language. Substantiated on an approach that articulates contributions from different fields of linguistic studies, which share a socio-interactionistic view of language, the analysis of the text that takes place in this work demonstrates the possibility of articulating the linguistic, textual, socio-pragmatic and discursive dimensions in teaching/learning practices that have the text as its object of study.

Keywords: Portuguese Language teaching; Linguistic analysis; Text.

Referências

- ASSIS, Juliana Alves. O papel do artigo na construção referencial do texto: um estudo sobre o uso do artigo no português falado. In: SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca; MARINHO, Janice Helena Chaves (Orgs.). *Estudos da língua em uso: relações inter e intra-sentenciais*. Belo Horizonte: NELU, GREF, FALE/UFGH, 2005. p. 71-100.
- BRÄKLING, Kátia Lomba. A gramática nos LDs de 5ª a 8ª séries: Que rio é este pelo qual corre o Ganges?. In: ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto Gomes (Orgs.). *Livro didático de Língua Portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003. p. 211-252.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Orientações curriculares para o ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. v. 1, 239 p.
- CAIXETA, Geovane F. *Macacos me mordam! Interjeição: uma classe no limbo do sistema lingüístico do português brasileiro*. 2005, 123 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Programa de pós-graduação em estudos lingüísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.
- CAMACHO, Roberto G. Valores semânticos e discursivos da conjunção aditiva. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 219-228, 2001.

CHAFE, Wallace L. Integration and involvement in speaking, writing, and oral literature. In: TANNEN, Deborah (Ed.) *Spoken and written language*. Norwood: Ablex, 1982, p. 35-53.

DECAT, Maria Beatriz N. A articulação hipotática no português em uso. In: DECAT, M. B. N. *et al.* (Orgs.). *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 103-166.

DECAT, Maria Beatriz N. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 23-28, 1º sem., 1999.

DECAT, Maria Beatriz N. Relações adverbiais e gênero do discurso. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 28, p. 19-36, 1995.

DIAS, Nilza B. A articulação das cláusulas de finalidade: uma análise funcionalista. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 67-76, 2001.

DIONISIO, Angela. P.; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002. 229 p.

HIRATA-VALE, Flávia B. M. Articulação de orações no português escrito no Brasil: as orações condicionais. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 126-142, 2001.

http://www.cursoicone.com.br/documentos/provas/ensino_fundamental/ef6/port_ef6_3b.pdf. Acesso em: 15 ago. 2006.

JUBRAN, Clélia Spinard. Especificidades da referenciação metadiscursiva. In: KOCH, Ingedore V.; MORATO, Edwiges M.; BENTES, Anna C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 219-242.

KOCH, Ingedore G. V. *Funcionalismo e processamento textual*. 2004. Mimeo.

KOCH, Ingedore Villaça *et al.* (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. 342 p.

KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002. 168 p.

LABOV, William & WALETZKY, Jossua. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (Ed.) *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967. p. 12-44.

LOPES, Artur Oscar. In: REIS, Luzia de Maria R. *O que é conto*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 28-29.

LOPES, Maria Angela Paulino Teixeira. Estratégias de textualização em gêneros opinativos – uma aplicação didática. In: MATTE, Ana Cristina F. (Org.) *Língua(gem), texto e discurso: entre a reflexão e a prática*. Rio de Janeiro: Lucerna; Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2007. p. 104-121.

MANN, William C.; THOMPSON, Sandra A. *Relational propositions in discourse*. Berkeley: University of Southern California, 1983 (ISI/RR-83-115).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002. p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 53-102.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; SALOMÃO, Margarida. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à Lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 3, p. 13-26.

MARINHO, Janice Helena Chaves. A atuação do *onde* na articulação discursiva. In: SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca; MARINHO, Janice Helena Chaves (Orgs.). *Estudos da língua em uso: relações inter e intra-sentenciais*. Belo Horizonte: NELU, GREF, FALE/UFGM, 2005. p. 3-29.

MATENCIO, Maria de Lourdes M.; SILVA, Jane Q. G. Referência pessoal e jogo interlocutivo: efeitos identitários. In: KLEIMAN, A. B.; MATENCIO, M. L. M. (Orgs.).

- Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber.* Campinas/SP: Mercado de Letras, 2005. p. 245-266.
- MENDONÇA, Márcia. Análise lingüística no ensino médio: um novo olhar, um novo objeto. In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (Orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor.* São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 199-226.
- MONNERAT, Rosane Santos Mauro. A articulação de orações através de mecanismos de oposição. *Scripta.* Belo Horizonte: PUC Minas, v. 5, n. 9, p. 77-91, 2001.
- NEVES, Maria Helena de M. *Gramática de usos do português.* São Paulo: Editora Unesp, 2000a.
- NEVES, Maria Helena de M. Um tratamento funcionalista da articulação de orações. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (Eds.). *Estudos de gramática portuguesa (II).* Frankfurt: TFM, 2000b, p.137-147.
- NEVES, Maria Helena de M. O tratamento da articulação de oração. In: NEVES, M.H.M. (org.). *Descrição do português: definindo rumos de pesquisa.* Araraquara/São Paulo: FCL/Laboratório Editorial/Unesp; Cultura Acadêmica Editora, 2001, p.55-66.
- NEVES, Maria Helena de M. *A gramática: história, teoria e análise, ensino.* São Paulo: Editora Unesp, 2002. 282 p.
- NEVES, Maria Helena de M. Funcionalismo e lingüística do texto. *Revista do Gel,* Araraquara, v. 1, p. 71-89, 2004.
- SCHNEUWLY, Bernard *et al.* *Gêneros orais e escritos na escola.* Campinas: Mercado de Letras, 2004. 278 p.
- TANNEN, Deborah. *Talking voices: repetition, dialogue and imagery in conversational discourse.* Cambridge: Cambridge University Press, 1989.